



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MARIA DE FÁTIMA MARTINIANO DE SOUZA**

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO (A) E DA CULTURA AFRO  
BRASILEIRA EM MENINO DE ENGENHO**

**GUARABIRA – PB  
2017**

**MARIA DE FÁTIMA MARTINIANO DE SOUZA**

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO (A) E DA CULTURA AFRO  
BRASILEIRA EM MENINO DE ENGENHO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Letras da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência para  
a obtenção do Grau Licenciada em Letras.

Orientador (a): Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup>. Waldeci  
Ferreira Chagas

GUARABIRA – PB  
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

S719r Souza, Maria de Fatima Martiniano de.  
A representação do negro (a) e da cultura afro brasileira em Menino de Engenho [manuscrito] : / Maria de Fatima Martiniano de Souza. - 2017  
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

\*Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas  
Coordenação do Curso de Letras - CCHA.\*

1. Literatura. 2. Sociedade. 3. Cultura Afro-Brasileira.

21. ed. CDD 981

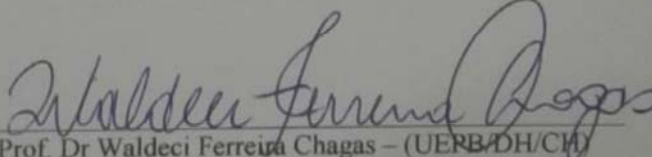
MARIA DE FÁTIMA MARTINIANO DE SOUZA

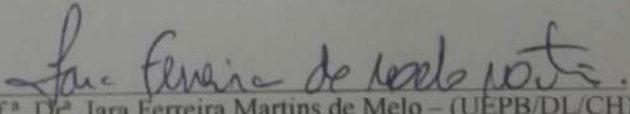
**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO (A) E DA CULTURA AFRO  
BRASILEIRA EM MENINO DE ENGENHO**

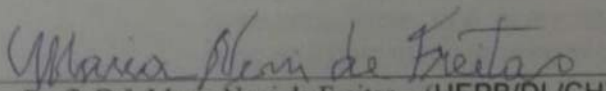
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento à  
exigência para a obtenção do Grau Licenciado  
em Letras.

Artigo aprovado em 30 de Novembro de 2017

**COMISSÃO EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas – (UEPB/DH/CH)  
Orientador (a)

  
Prof.ª Dr.ª Iara Ferreira Martins de Melo – (UEPB/DL/CH)  
Examinadora

  
Prof.ª Dr.ª Maria Neni de Freitas – (UEPB/DL/CH)  
Examinadora

A ferrovia que leva ao sucesso é construída em cima de um solo de humildade com pesados trilhos chamados erros que somente são fixados numa linha reta com maciços pregos de perseverança.

Eduardo Siqueira Filho

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente agradeço a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, presente na hora da angústia e de alegria, ao meu pai Pedro de Souza e a minha tia Maria do Livramento Martiniano (in memória), aos meus filhos, minha irmã, amigos que indiretamente fizeram parte de minha história e aos professores que no decorrer de minha vida acadêmica aprendi muito com todos.

## **RESUMO**

Este artigo tem por objetivo analisar a obra “*Menino de Engenho*” de José Lins do Rego, escrita em (1932), e nela enfatizar a representação do (a) negro (a) e da cultura afro-brasileira, numa relação com o aspecto sócio cultural da época descrito na produção literária deste autor. O romance mencionado aborda aspectos culturais do (a) negro (a) e integra a fase denominada por José Lins do Rego como sendo o ciclo da cana de açúcar. Por meio do contexto social esse autor nos mostra uma sociedade patriarcalista em plena decadência em decorrência do surgimento das usinas. As leituras de apoio foram textos de SANTOS (1987), MEIRELES (2014), SILVA (2014), entre outros, a exemplo de Câmara Cascudo que dialogam com a oralidade, visto está evidenciada nas obras de José Lins do Rego.

**Palavras – chave:** Literatura. Sociedade. Cultura Afro-Brasileira.

## **ABSTRACT**

This article aims to analyze the work "*Menino de Engenho*" by José Lins do Rego, written in (1932), and to emphasize the black representation and the afro-brazilian culture, in a relationship with the social-cultural aspects from the time described in this author literary production. The mentioned novel approaches cultural aspects of the black and engage the so called period by José Lins do Rego as being the sugar cane circle. By means of the social context this author show us a patriarchy society in full decadence due to the emergence of sugar cane plants. The support readings were texts by SANTOS(1987), MEIRELES (2014), among others, for instance, by Câmara Cascudo that dialogues with the orality, since it is evidenced in José Lins do Rego works.

**Key-words** : Literature. Society. Afro-Brazilian Cult



## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo foi produzido a partir da análise de leituras do livro “*Menino de Engenho*,” escrito em 1932 por José Lins do Rego, evidenciando-se um diálogo interdisciplinar com as seguintes disciplinas: geografia, história e literatura.

Assim tal romance está em consonância com o que preconiza a LDB 9.394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN de língua portuguesa quando abordam a interdisciplinaridade como perspectiva de promover o ensino de língua e literatura.

Logo, tal obra possibilita estabelecer um diálogo entre a geografia, a história e a literatura; razão porque no decorrer deste artigo contemplamos os aspectos sociais, políticos e históricos no qual o (a) negro (a) está inserido, ajudando para o desenvolvimento da cultura brasileira.

Por assim compreender a importância da interdisciplinaridade observamos, na narrativa de José Lins do Rego, a representação do negro (a) em todo o segmento da sociedade brasileira. São perceptíveis os diversos conflitos existentes e, é por meio dos processos histórico, social, político e cultural independente do tempo ou da época que os conflitos eclodem.

A sociedade brasileira é fruto do hibridismo cultural que nos faz enxergar novas perspectivas dentro de um campo de visão que se amplia cada vez mais ao lançarmos um novo olhar em relação à cultura afro-brasileira. No decorrer dos séculos em que os africanos foram trazidos para o Brasil, a historiografia brasileira mostra que eles vieram de vários lugares da África e enfrentaram o conflito sociocultural em relação à cultura cristã europeia, quando adentraram no território brasileiro.

É importante ressaltar que em *Menino de Engenho*, a obra literária em questão, de José Lins do Rego, a representação do negro trazido para o Brasil por meio do tráfico humano, a partir do século XVI, faz parte do processo de construção da cultura brasileira, o que faz com que o hibridismo cultural seja recorrente em tal obra.

Embora não seja a intenção desse autor falar de fatos históricos em suas narrativas, ele mostra ao leitor cenas do cotidiano da história brasileira e também paraibana, o que merece um estudo mais aprofundado não só em relação aos aspectos econômicos da época, mas também em relação aos problemas ambientais enfrentados pela população, como as enchentes e o processo que levou os engenhos a entrarem em

decadência, e serem substituídos pelas usinas, em expansão. Esta característica pode ser observada nas obras que foram denominadas como sendo de o ciclo da cana de açúcar.

José Lins do Rego, em 1932, publicou seu primeiro livro, *Menino de Engenho*. Após este livro ele escreveu mais doze romances, a saber: *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho doce* (1939), *Água mãe* (1941), *Fogo Morto* (1943), *Eurídice* (1947) e *Cangaceiros* (1953).

Apesar de haver disparidade entre alguns críticos literários quanto à divisão da obra de José Lins do Rego, é importante compreender que temos em suas obras, relatos de uma história real com fortes argumentos e assim podemos contextualizar com o objetivo proposto neste artigo, que é o de estudar a obra *Menino de Engenho* e discutir a representação do negro (a) na cultura brasileira a partir de sua presença, o que se faz por meio da intertextualidade presente em sua produção literária. Por meio da produção literária podemos trabalhar em sala de aula aspectos da obra já mencionada neste artigo, que dialoga com a história, a geografia e, com a literatura. Isto nos faz compreender que fazemos parte do processo de construção histórica, política e sociocultural.

Para a realização deste artigo, foram feitas as seguintes ações metodológicas: inicialmente, leituras da obra *Menino de Engenho* para coleta de dados; depois foi feita uma pesquisa em sites da internet, com consulta a artigos que discutem tal obra, a exemplo de SANTOS (2013), MEIRELES (2014), SILVA (2002), entre outros.

O referencial teórico escolhido para dialogar com o tema proposto foi o livro *Oralidades do Brasil*, de Câmara Cascudo, que discute de forma direta sobre o método de José Lins do Rego, ao escrever os seus romances denominados por ele como sendo o ciclo da cana de açúcar, a partir da oralidade.

Enfim, o artigo está dividido em 06 partes: na primeira parte encontra-se uma pequena introdução em que fazemos um breve comentário sobre o tema. A segunda parte é uma reflexão sobre vida e obra de José Lins do Rego. A terceira parte refere-se ao *Menino de Engenho* e à representação do negro (a) na cultura afro brasileira como forma de expressão literária. Na quarta parte temos uma síntese da obra *Menino de Engenho*. Na quinta parte iremos analisar a obra *Menino de Engenho*, e na sexta parte, temos as considerações finais que, de forma objetiva, recuperamos a reflexão sobre a obra de José Lins do Rego em estudo.

## 2 VIDA E OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO

Antes de falar sobre a vida de José Lins do Rego, que escreveu o seu primeiro romance em 1932, tendo por título *Menino de Engenho*, é preciso contextualizar o período, pois esta obra expõe o Brasil colônia e seus problemas sociais. Ou seja, o livro se refere às relações sociais vividas naquela época fomentada pelo regime escravocrata.

Quando refletimos sobre a obra *Menino de Engenho*, percebemos que José Lins do Rego demonstra em sua narrativa, a história não da decadência dos antigos engenhos, mas também a decadência de uma elite aristocrática, temática que é discutida em outras obras de sua autoria, o que foi classificada por ele mesmo como sendo o ciclo da cana de açúcar. Tal discussão perpassa pelo período da abolição e república, e conforme Emília da Costa afirma:

A abolição e a república, significam de certa forma a repercussão no nível institucional das mudanças que ocorreram na estrutura econômica e social do país na segunda metade do século XIX, prenunciando a transição da sociedade senhorial para a empresarial (COSTA, 1997, p 531).

É importante enfatizar que José Lins do Rego, ao falar do seu ponto de vista sobre os aspectos socioculturais, demonstra a importância de adentrarmos em um universo repleto de pluralidades que se espalha por vários segmentos da sociedade brasileira. Nesse sentido, o romance *Menino de Engenho* nos leva a conhecer o universo onde a ficção se mistura com a realidade, porque ele fala de forma simples sobre acontecimentos de grande importância, como a enchente do rio Paraíba.

Os elementos relacionados aos aspectos socioculturais descritos em sua obra são marcados pela pluralidade, pois tal mundo com pluralidades pode identificar nas falas das personagens como sendo as crendices populares ou histórias de trancoso, tão comum nas cidades de interior. Como exemplo disto podemos citar as histórias de lobisomem, histórias do cangaço entre outras, pois estas histórias são citadas através do personagem João Cutia, um comprador de ovos da Paraíba.

É importante compreender que o processo de construção, por meio da oralidade, traz como reflexo as falas das personagens introduzidas pelos modernistas durante a segunda semana de artes modernas e nos mostra uma linguagem própria do lugar onde a história tem o seu desenrolar. Ou seja, os personagens são construídos e possuem uma linguagem regionalista. Segundo Villaça, (2001) isto pode ser explicado a

partir do lugar de origem do autor, pois ao escrever sobre a vida de José Lins do Rego diz:

É importante compreender que o processo de construção, por meio da oralidade, traz como reflexo as falas das personagens introduzidas pelos modernistas durante a segunda semana de artes modernas e nos mostra uma linguagem própria do lugar onde a história tem o seu desenrolar.

Ou seja, os personagens são construídos e possuem uma linguagem regionalista. Segundo Villaça (2001, p.6), isto pode ser explicado a partir do lugar de origem do autor, pois, ao escrever sobre a vida de José Lins do Rego evidencia que o mundo rural do Nordeste e a ligação desse mundo com as senzalas são responsáveis pelas paralelas na qual a obra do autor supracitado se encaminha e cresce.

Ainda conforme Villaça (2001), desde 1932 José Lins do Rego, dá indícios de sua vocação enquanto autor, a publicação de artigos em suplementos literários. A partir daí a monumental obra do escritor nordestino passa por um processo de consolidação. Após transferir-se para Maceió, onde trabalhou como fiscal de bancos, e integrar-se a um grupo de intelectuais como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda, entre outros; escrevem seus três primeiros romances.

Sendo assim, em Maceió escreve os três primeiros romances: Menino de engenho, Doidinho e Banguê. Em 1932, publica seu livro de estreia, Menino de engenho, em edição por ele custeada. Recebe o prêmio da Fundação Graça Aranha. O romancista é saudado pela crítica com entusiasmo e a edição de dois mil exemplares é quase toda vendida no Rio. Daí em diante a obra de José Lins não conhece interrupções. Publica 12 romances, um volume de memórias, livros de viagem, de literatura infantil, de conferências, de crônica. Em 1935, é nomeado fiscal do imposto de consumo, mudando-se para o Rio de Janeiro, onde viveria o resto da vida. A 15 de setembro de 1955, é eleito para a Academia Brasileira de Letras, como sucessor de Aaulfo de Paiva. A 12 de setembro de 1957, morre José Lins do Rego, sendo enterrado no mausoléu da Academia, no cemitério São João Batista.

A memória de José Lins do Rego, ainda continua viva fazendo com que várias gerações ainda fiquem admiradas com a sua forma de produção literária na qual incorpora vários elementos da nossa cultura popular, pois a obra é narrada em primeira pessoa por Carlos de Melo, narrador-personagem da história. Este faz uso do discurso indireto-livre para contar a narrativa. Por meio da personagem Carlinhos, o leitor é levado a uma aproximação do universo da trama apresentado como sendo um reino

encantado, que apesar de seus conflitos interiores o personagem Carlinhos desfruta de novas experiências das quais lhes trarão sofrimentos. Pois em sua narrativa ele diz:

[...] - O engenho fica ali perto. Eu ia reparando em tudo, achando tudo novo e bonito. A estação ficava perto de um açude coberto de uma camada espessa de verdura. Os matos estavam todos verdes, e o caminho cheio de lama e de poças d'água. Pela estrada estreita por onde nós íamos, de vez em quando atravessava um boi. O meu tio me dizia que tudo aquilo era do meu avô. E com pouco mais avistava-se uma casa branca e um bueiro grande. - É ali o engenho, mas nós temos que andar um bocado. A minha mãe sempre me falava do engenho como de um recanto do céu. E uma negra que ela trouxera para criada, contava tantas histórias de lá, das moagens, dos banhos de rio, das frutas e dos brinquedos, que me acostumei a imaginar o engenho como qualquer coisa de um conto de fadas, de um reino fabuloso (REGO, 2002, p. 38).

Foi a partir desse lugar social que José Lins do Rego construiu as suas narrativas, no primeiro momento com o romance *Menino de Engenho* e posteriormente nos demais livros que compõem o ciclo da cana de açúcar, pois um dos pontos-chaves em suas obras é mostrar que o engenho era sustentado pelo trabalho escravo, porque os negros (as) exerciam diversas profissões dentro ou fora da casa-grande. Podemos citar aqui algumas atividades a exemplo de costureira, cozinheira, carpinas, maquinista, destilador, mecânico, canoeiro etc. Todos trabalham incansavelmente movendo uma economia muito forte por meio da exploração do homem pelo homem neste período da história brasileira.

A obra analisada para a elaboração deste artigo traz evidente a relação de José Lins do Rego com o mundo rural, porque ele escreve a partir do seu ponto de vista sobre os aspectos sócio-culturais demonstrando, por meio da sua narrativa ao produzir o livro, a importância de adentrarmos nesse “universo” cheio de pluralidades que se espalha por vários segmentos da sociedade brasileira. Ainda podemos compreender também a relação do autor com os negros, pois em sua narrativa ele diz: “A senzala da Santa Rosa não desaparecerá com a abolição. Ela continuava pegada à casa-grande, com as suas negras parindo, as boas amas-de-leite e os bons cabras do eito” (REGO, 2010, p.74).

Embora não seja uma obra voltada para o conceito de cultura afro-brasileira, é importante afirmar que é uma obra literária de grande importância, porque narra cenas do cotidiano nas quais as personagens estão inseridas de uma forma ativa. Pois (a)s escravizados são os sujeitos que dão vida aquele cenário rural descrito por José Lins do Rego.

Em sua narrativa ainda é possível perceber o tom emotivo da crítica social, pois se existe algum segredo para o sucesso de sua obra isto deve ser explicado provavelmente pela forma simples de se comunicar com o leitor sem negar o seu lugar de origem. José Lins do Rego não demonstrou em nenhum momento a preocupação em escrever de forma erudita para membros da Academia Brasileira de Letras; pelo contrário, ele valorizou traços culturais marcantes do regionalismo brasileiro.

É importante ressaltar que o *Menino de Engenho* em seu projeto inicial receberia o nome de “Memórias de um Menino de Engenho” é por esta razão que o autor José Lins do Rego é apontado pela crítica como um autor que apenas fez um registro autobiográfico, no qual o centro principal fora preservar a memória de uma elite patriarcalista na qual o próprio autor está inserido. Mas Villaça afirma que:

Ao escrever *Menino de Engenho*, José Lins não pensava inicialmente em escrever um romance. Queria escrever simplesmente a biografia do seu avô, o velho José Lins. Era este para ele o tipo representativo do senhor de engenho, expressão do patriarcalismo rural do Nordeste açucareiro. A intenção foi mudada. O livro de memórias infantis ou biografia de um avô transformou-se num romance. E seria o livro mais espontâneo de José Lins do Rego. O que nos surpreende, sobretudo, diz Aderaldo, é a força recriadora do romancista. Uma evocação exata, intensa e sugestiva. “Menino de engenho é rigorosamente um romance sem romance.” Ele de fato queria apenas escrever “umas memórias que fossem as de todos os meninos de engenho nordestinos.” (VILLAÇA, 2001, p.16)

Independente das críticas que são lançadas ao José Lins do Rego, com o decorrer do tempo, o “Zé Lins” como era conhecido pelos amigos mais íntimos se tornou um dos grandes escritores brasileiro de sua época, apesar dele está inserido como sendo representante de uma classe elitizada. Mas é importante ressaltar que o autor em nenhum momento, em suas obras, procura enaltecer a sociedade patriarcalista.

A obra de José Lins do Rego traz um registro de pessoas reais que são remanescentes de escravizados (as) que foram traficados da África, advindos de lugares distintos a exemplo de Moçambique e Angola cada um com seus costumes e línguas diferentes. Este fato revela uma visão geral em uma escala mais ampliada sobre a formação da sociedade brasileira cujo hibridismo cultural se formou em uma nação da qual podemos falar que somos multiculturais. É por meio da intertextualidade presente na obra literária que o aluno pode compreender o processo histórico, as transformações e permanências da sociedade brasileira ao longo de vários séculos. Dentre as questões socioculturais, o escritor José Lins do Rego relata a permanência da senzala, apesar de o Brasil ter se modernizado:

Restava ainda a senzala dos tempos do cativo. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a rua, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. Conheci umas quatro: Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão. As duas filhas e netas iam-lhes sucedendo na servidão, com o mesmo amor à casa-grande e a mesma passividade de bons animais domésticos (REGO, 2003, p.49).

Desta forma, compreendemos a necessidade de identificar aspectos da cultura brasileira. Apesar de não ter sido a intensão inicial de José Lins do Rego em produzir um romance, mas fazer um registro biográfico do seu avô, o coronel José Paulino, ele mostra que a [...] história gira em torno da recriação do Engenho Santa Rosa, do *menino de engenho*; marcado pelas impressões do neto de senhor de engenho e pelo próprio engenho (QUEIROZ, 1932, p. 167), ele demonstra também a importância da memória como uma forma de preservar o passado por meio de uma narrativa.

Por meio da narrativa se evidenciam aspectos culturais ainda presente em nosso cotidiano é por isto que José Lins do Rego é rotulado como um dos autores que fazem parte do movimento regionalista, tendo Gilberto Freyre como o grande incentivador dos demais escritores que produziram obras com este tema a partir da metade da década de vinte. Isto pode ser explicado como sendo o reflexo daquele movimento, que foi chamado de semana de artes modernas cujos discursos eloquentes pregavam uma cultura modernista que levasse em conta a investigação profunda do tradicional e do regional, para produzir a partir dos elementos existente em solo brasileiro.

A obra literária de José Lins do Rego, demarcada como literatura regionalista tem por objetivo retratar uma determinada região em específico o Nordeste brasileiro com seus contrastes e riquezas culturais das quais contemplamos em sua obra, pois:

[...] A cultura Afro-brasileira está presente em toda a nossa trajetória de formação de nação. O Brasil foi o país que mais recebeu escravos africanos e, após a abolição, a luta pelo reconhecimento na sociedade tem sido incessante. Falar em uma cultura Afro-brasileira implica abordar as lutas sociais, a miscigenação, a discriminação, o sincretismo e a contribuição cultural de um modo geral. O cuidado para não generalizar superficialmente a cultura Afro-brasileira deve ser constante [...] (MEDEIROS; ALMEIDA, 2007, p.10).

Pensar em cultura afro-brasileira não é só inserir pessoas negras em lugar de destaque socialmente, embora isto também seja importante. A conscientização que todo brasileiro precisa vai muito além do que um simples reconhecimento oficial por meio de leis e decretos, parte do princípio de respeito e também de igualdade, pois independente da cultura, cor da pele ou crédulo religioso, somos seres humanos e livres por lei e natureza.

Portanto, a história dos africanos traficados e trazidos para o Brasil é uma ponte que liga todo o brasileiro independente do tempo ou da época, porque eles também estão presentes na formação cultural do Brasil, é dessa forma este país se tornou uma nação híbrida e multicultural.

### **3 MENINO DE ENGENHO E A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA CULTURA AFRO BRASILEIRA COMO FORMA DE EXPRESSÃO LITERÁRIA**

Apesar de o Ministério da Educação e Cultura - MEC estabelecer diretrizes e bases por meio da Lei e Diretrizes e Bases - LDB para a educação nacional, é importante ressaltar que estas diretrizes não são unicamente voltadas para o ensino de cultura afro-brasileira, mas abrange todo o currículo, o que mantém a interdisciplinaridade.

É na discussão sobre interdisciplinaridade que colocamos em evidência o livro *Menino de Engenho*, como objeto de estudo, apud SANTOS visto ele afirmar que:

A interdisciplinaridade pode ser compreendida como a intercomunicação entre as disciplinas, no nível de conceito e métodos (JAPIASSU, 1976) ou a arte de aprofundamento com sentido de abrangência, para da conta, ao mesmo tempo da particularidade e da complexidade do real como conceituou DEMO (1988 p 88). No estudo realizado, partir do conceito que a interdisciplinaridade é uma Inter – relação entre duas ou mais relação enfocando a complexidade e a única dos saberes [...] (SANTOS, 2013 p.4).

Neste sentido compreendemos o objetivo proposto pela lei 10.639/2003 como forma de reconhecer a importância da cultura afro-brasileira como parte integrante na formação da sociedade brasileira, pois o documento oficial faz referência à importância



de estudar aspectos da cultura afro-brasileira tanto nas escolas públicas quanto nas escolas particulares, Pois:

[...] altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira” (BRASIL, 2006).

É nesse contexto histórico- sócio- espacial que se insere a nossa temática ao falar da representação do negro (a) na obra de José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, escrita em 1932. É importante ressaltar que, no momento em que é feita a narrativa do romance, os negros (as) ainda moravam na fazenda de seu avô materno o senhor José Paulino. Eles (as) já estavam vivendo após-abolição, mesmo assim alguns escravizados (as) preferiram viver sob o domínio de seus antigos senhores (as).

A partir da visão histórica evidenciamos fragmentos de um passado colonial que ainda se faz presente na obra de José Lins do Rego. Ao dialogar com os autores já citados anteriormente compreendemos a importância desta obra para a compreensão da cultura brasileira, pois o próprio autor, no prefácio da primeira edição do livro “Usina,” manifestou o desejo de dividir a sua obra como sendo o ciclo do açúcar. Então, ao manifestar o desejo de como queria que a sua obra fosse classificada, acrescentou:

Com usina termina a serie de romances que chamei um tanto enfaticamente de “ciclo da cana de açúcar”. A história desses livros é bem simples - comecei querendo apenas escrever umas memórias que fossem a de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço de vida que eu queria contar. (REGO, 2008, p. 17)

Quando falamos em fragmentos de um passado colonial brasileiro, na obra de José Lins do Rego, é preciso compreender que neste período existiram vários fatores decorrentes dentro desse processo pelo qual levou a liberdade dos escravizados (as). É importante ressaltar, ainda, que essa parcela da população mais humilde não foi incluída socialmente e nem desfrutou das riquezas que produziu [...] Pois permaneceram sendo reconhecidas como simples instrumentos de trabalho. No entanto, não desistiram e resistiram através de vários artifícios e se assumiram agentes, ou seja, sujeitos históricos (CHAGAS E NASCIMENTO, 2012 p.1).

Isto também nos faz entender a estrutura política do nosso país, pois ainda existe uma diferença social não só de raça, mas também em relação ao gênero e também aos estereótipos direcionados aos negros (as); conceitos que passou pelo século XX, e

que em pleno século XXI ainda existem resquícios de uma imagem pré-concebida inferiorizando-os (as) como se fosse algo de menor importância no processo de construção da identidade brasileira.

Por meio da construção da identidade brasileira observamos a representação do negro (a) não como um ser passivo no meio social de estrutura escravocrata, mas um ser ativo que exerceu suas funções e foi explorado constantemente desde o momento que foi trazido de várias regiões da África.

Em sua narrativa, José Lins do Rego fala das personagens, Generosa que era a cozinheira; vovó Galdina era uma velha doente que vivia entevada numa cama; Zé Ursulino trabalhava no corte de cana de açúcar; o negro José Gonçalo que trabalhava na moenda de cana. Todos (as) eram escravizados (as), mas exerciam suas atividades alguns dentro de casa outros exerciam suas atividades no eito. Isto nos faz entender que o negro (a) desde outrora está presente na formação cultural dos (as) brasileiros. Alguns traços da cultura africana ainda podem ser identificados, diariamente, quer seja em relação à música a dança, a culinária etc., pois:

A participação afro-negra na literatura oral do Brasil não pode ser identificada, fixada em seus limites intransponíveis. Tinha contos provérbios, adivinhações, anedotas. Ignoramos as rodas cantadas pelos negrinhos e quais os brinquedos feitos n'África mesmo pertencendo ao domínio etnográfico, esses elementos só funcionando sob fórmulas literárias invariáveis música e letra tradicionais, constituem função literária coletiva. O predomínio negro nas histórias populares explica-se pela solidariedade do narrador, seu interesse supremo no enredo, a gesticulação insuperada e a mobilidade fisionômica, encarnando personalizando os sucessivos personagens, gente e bicho [...] (CASCUDO, 1984, p 162).

Então, a representação do negro (a) nas obras de José Lins do Rego surge não como um vulto apenas para dizer que eles (as) estão presentes de forma figurativa. Pelo contrário as personagens têm força de expressão mesmo sabendo que são cativos por meio de um sistema opressor. Podemos identificar isto quando a jovem negra, Maria Piá, é desvirginada pelo Senhor Juca e este acontecimento é tido como algo normal, reproduzindo o conceito de que eles poderiam fazer o que desejassem, pois, os escravizados (as) eram propriedades particulares e como tal também entravam no testamento como partilha dos bens.

Quando paramos para refletir sobre a representação do negro (a) na sociedade brasileira compreendemos a importância que eles têm, porque apesar de serem tratados como se fossem um objeto de valor, a serem desejados em testamentos ou como

investimento pessoal, foi por meio dele (as) que a cultura brasileira se tornou tão distinta entre os demais países onde existiu o tráfico de pessoas oriundas do continente africano.

Então, ao adentrarmos no universo das narrativas do livro *Menino de Engenho*, podemos também observar a representação do negro (a) em todos os segmentos da vida social de uma elite patriarcalista, marcada pelo poder autoritário que cada família ostentava naquele período da história.

Em consonância com esta afirmativa é importante ressaltar a representação da negra velha contadora de histórias. Nas suas memórias de quando era criança, José Lins do Rego lembra-se da negra Totonha que saía pelos terreiros dos engenhos contando histórias de trancoso, pois:

[...] Escreve Gilberto Freyre foram às negras que se tornaram entre nós as grandes contadoras de histórias. Os africanos lembra Ellis, possuem seus contistas “alguns indivíduos fazem profissão de contar histórias e andam de lugar em lugar recitando contos [...] no Brasil na pessoa de negras velhas que só faziam contar histórias negras que andavam de engenho em engenho [...] as outras pretas, amas dos meninos brancos. José Lins do Rego em seu livro *Menino de Engenho* fala das velhas estranhas que apareciam pelos bangues da Paraíba; contando histórias e iam-se embora. [...] Exatamente a função e o gênero de vida do akpalô. Por intermédio dessas negras velhas e das amas de menino, histórias africanas principalmente de bichos - bichos se confraternizando com as pessoas falando como gente, casando-se, banqueteadando-se se acrescentaram as portuguesas, de Trancoso, contadas aos netinhos pelas avós coloniais – quase todas as histórias de madrastas, de príncipes, gigantes, pequenos – polegares, moursas encantadas, moursas tortas (CASCUDO, 1984, p 154).

Nesse contexto social (a) negro também está inserido com as suas crenças e costumes voltados para o misticismo, pois [...] o sincretismo se consagrou como prática de resistência [...] (CHAGAS E NASCIMENTO 2012, p.3). E sendo assim, a imagem d (a) negra, curandeiro (a), catimbozeiro (a), mandingueiro (a) ou macumbeiro (a), para fazer os feitiços ou filtros amorosos, representa o estereótipo do feiticeiro (a) que serve para demonstrar as práticas místicas que eram normalizadas abrindo um caminho entre a casa grande e a senzala. José Lins do Rego fala que:

[...] os seus cofres, onde elas guardavam os seus rosários, os seus ouros falsificados, os seus bentos, milagrosos [...] nas paredes de barro havia sempre santos dependurados, e num canto a cama de tabuas duras, onde [...] faziam o seu coito e pariam os seus filhos (REGO, 2003, p. 49).

Mediante o exposto evidenciamos, então, uma sociedade vulnerável a todo tipo de males que pudessem lhes atingir e devido a estes temores tem-se “[...] à necessidade de estar sempre ligado com o sobrenatural, invocando cada vez mais proteção divina, dentro de um universo repleto de crenças” (MEIRELES, 2014 p.14) ” no qual a imaginação se tornava um campo fértil.

A aproximação dos espaços da casa grande e da senzala também nos mostra a importância da diversidade cultural que é descrita por José Lins do Rego em suas narrativas, uma vez que [...] “essa diversidade não é só feita de ideias, ela está também relacionada com as maneiras de atuar na vida social”, [...] (SANTOS, 1987, p.20.

Quando lemos as obras que fazem referência ao ciclo do açúcar: *Menino de Engenho, Doidinho, Banguê, Fogo Morto e Usina*; percebemos que José Lins do Rego teve o interesse de mostrar a relação dos escravizados de forma enfática e sempre ativa quer seja o escravizado que vivia na zona rural quer seja o escravizado que vivia na zona urbana, pois os [...] ex-proprietário de escravos (as) acreditavam e repetiam o discurso de que os negros (as) teria uma atenção maior na época em que os engenhos estavam no auge [...] (SILVA, 2014 p 60) porque teriam uma melhor qualidade de vida, para assim justificar que a abolição teria causado um mal bem maior do que se eles ainda estivessem vivendo sobre o jugo da escravidão.

Em seu discurso o avô do personagem Carlinhos diz:

Para esta gente pobre, a abolição não serviu de nada. Vivem hoje comendo farinha seca e trabalhando o dia, o que ganham não dá nem pra comer o bacalhau. Os meus negros enchiam a barriga com angu de milho e carne do Ceará, e não andavam como hoje com os troços aparecendo. Só vim ganhar dinheiro com o açúcar após a abolição. (REGO 1991 p 61).

Portanto, a nossa cultura é “fruto” de um processo de transformação histórico, em que as diferenças sociais, políticas e econômicas se fazem presente de acordo com as construções socioculturais em que foram estabelecidas.

#### **4 SINTETIZANDO A OBRA (MENINO DE ENGENHO )**

Quando fazemos uma análise do livro “*Menino de Engenho*” compreendemos que o tempo dentro da narrativa do romance, se apresenta de forma cronológica

mostrando ao leitor que a personagem Carlinhos tem quatro anos de idade e suas descrições ocorrem até aos doze anos de idade. No romance o cenário que se destaca é a Zona da Mata Nordestina, onde fica localizado o Engenho Corredor. É neste local que José Lins do Rego vai fazer o registro de suas memórias.

Para uma melhor compreensão da obra, segundo Almeida (1999, p.216):

No contexto mais amplo da literatura nordestina, *Menino de Engenho* deixa perceber – mais do que qualquer outra criação ficcional do período – a transição entre o espírito que havia alimentado o movimento regionalista dos anos 20, com sua visão poético-folclórica do Nordeste, e a atitude que passa então a prevalecer, caracterizada por uma intenção consciente, por parte dos escritores, de questionamento e denúncia da realidade social imperante na região. [...] os dois elementos que constam do título – o menino e o engenho – vêm a constituir os dois polos dialéticos entre os quais se move o romance. Em alguns momentos (que se tornam mais frequentes à proporção que a obra se encaminha para o final) predomina o primeiro: a narrativa tende então para o subjetivo, o confessional; em outros é a vida do engenho em si que ocupa o centro do interesse, tornando-se o menino apenas o ponto de referência a partir do qual são observados os fatos.

A observação dos fatos mencionados pela citação refere-se ao olhar de José Lins do Rego quando ele imprimiu o seu discurso colocando voz ao narrador-personagem Carlinhos.

Em sua narrativa ele diz: “Três dias depois da tragédia, levaram-me para o engenho do meu avô materno. Eu ia ficar ali morando com ele. Um mundo novo se abria para mim.” (REGO, 2002 p. 37) um mundo pelo qual podemos compreender o seu processo de estrutura social, econômica, política e religioso.

Segundo BOSI (2015), em seu livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, José Lins do Rego [...] soube fundir numa linguagem de forte poética oralidade as recordações de infância e da adolescência com o registro intenso da vida nordestina [...] (BOSI 2015, p 425) e suas singularidades de forma bem original.

Então, o romance tem início com a narrativa de quando a personagem principal é levada para o Engenho Santa Rosa por seu Tio Juca. Esse fato acontece após o assassinato de sua mãe Clarice, quando o menino Carlinhos tinha apenas quatro anos de idade. É nesse engenho, descrito pelo autor, que o menino Carlinhos conhece e se apaixona por sua prima Maria Clara, que viera da cidade de Recife para passar uma temporada na fazenda e quando ela vai embora, Carlinhos sofre por sua ausência.

No decorrer da narrativa outros personagens começam a surgir, a exemplo da negra Generosa e tia Galdina, a quem ele tinha muito respeito e também dos negros que trabalhavam duro no eito Zé Ursulino, é de grande importância começam a surgir como a enchente do Rio Paraíba que devastou toda plantação de cana de açúcar em 1875. Outra personagem de grande importância é a Zefa Cajá. Ela é mencionada na obra como sendo a primeira mulher com quem o Carlos Melo, ou seja, o Carlinhos tem seu primeiro contato sexual, é neste momento também que ele adquire uma “doença de homem”. É importante enfatizar que, antes destes relatos, as primeiras experiências sexuais descritas pelo autor aconteciam com os animais da fazenda, prática comum entre ele, os primos e os moleques daquela época.

Desta forma, o campo de memória do personagem Carlinhos gira sempre em torno de seus parentes, pois o seu Avô, José Paulino, representa a figura patriarcal da sociedade nordestina da época; Dona Clarisse, mãe de Carlinhos, cuja morte no início da trama faz com que a personagem principal vá morar no Engenho Santa Rosa, que por sua vez pertence à José Paulino; Tia Sinhazinha, diretora do engenho que se destaca por ser uma tirana que atormentava a vida de Carlos; Tio Juca, o tio que leva Carlos para o engenho e lhe apresenta ao avô; Tia Maria, uma senhora que passa a cuidar de Carlos e acaba por substituir a imagem materna na memória do narrador-personagem.

Podemos observar que o engenho, na narrativa de José Lins do Rego, ganha vida própria, pois cada personagem por ele apresentado exerce uma função de grande importância, aonde vão estar presentes, também, aspectos da cultura afro-brasileira, cujo hibridismo cultural nos remete a formação da nossa cultura que evidencia as lendas folclóricas presentes na voz da Velha Totonha.

Portanto, José Lins do Rego, em sua forma de expressão usando linguagens próprias do regionalismo nordestino, mostra que apesar de está inserido em um meio social elitizado por meio de um sistema econômico, a presença do negro (a) ganha uma grande importância porque foi através deles (as) que as transformações socioculturais foram acontecendo de forma original e acrescentando elementos que até hoje permanecem presentes.

## 5 ANÁLISE DA OBRA MENINO DE ENGENHO

Existem muitas críticas de colocam o livro *Menino de Engenho* de Jose Lins do Rego como sendo um livro memorialista um documento fiel aos costumes e práticas de uma época porque entende-se que a realidade está contida na obra do autor para dá uma ênfase maior. Ele ainda acrescentou as suas impressões aos fatos já acontecidos podendo ser subentendido como elementos extraliterário.

Apesar da crítica, é importante compreender que quando recohecemos o “ [...] novo sistema cultural posterior a 30 não resulta em cortar as linhas que articulam a sua literatura como o modernismo significa apenas ver novas configurações históricas a exigirem novas experiencias artisticas[...] (BOSI, 2015, p. 411) a serem desfrutadas”. Pois a estreia de Jose Lins do Rego em 1932:

[...] foi uma revelação. Logo recebeu o prêmio Graça Aranha. E chega hoje à sua 58ª edição. Dedicou- o Lins do Rego a seus grandes amigos José Américo de Almeida, Jorge de Lima, Gilberto Freyre e Olívio Montenegro. E essa dedicatória é toda uma confissão de reconhecimento. Este romance de estreia foi já traduzido para o alemão, o francês, o espanhol, o inglês, o italiano e o coreano. Em 1965 tomou- se filme, numa produção de Glauber Rocha e Walter Lima Júnior. A capa do primeiro dos três cadernos escolares manuscritos trazia o título Memórias de um menino de engenho. Mas José Lins riscou as “Memórias de um”, e o livro foi apenas (e para sempre) Menino de engenho. (VILLAÇA, 2001 p.20)

Independente das críticas em prol de Jose Lins do Rego, o objetivo deste artigo foi o de analisar a representação do negro (a) na obra do já referido autor e para reforçar a ideia de que José Lins do Rego, escreveu a partir do lugar social em que ele estava inserido. Acerca dessa questão, Candido (2002) afirma que “não a literatura sem fulga do real; a importância de uma obra não se deve á circunstância de imprimir fielmente um aspecto da realidade, social ou individual, mas a maneira através da qual o faz” [...] (CORDEIRO, 2009 p. 12) pois para entender uma obra é preciso que haja um diálogo entre o texto literário e o contexto social ou histórico, porque os elementos culturais vão está presente impresso pelo autor.

Então, em consonância com o que estamos falando, é importante compreender que:

Nunca no Brasil o papel do negro na sociedade, na economia, na cultura foi tão estudado como nos últimos trinta anos. Historiadores, sociólogos, antropólogos, críticos literários, linguistas, musicólogos brasileiros, mas também europeus e norte-americanos publicaram teses, livros, ensaios e inúmeros artigos em revistas especializadas ou de vulgarização que modificaram profundamente a visão que se tinha até então no Brasil, do papel do negro e da própria identidade do país como nação, transformando a visão que for a marcada pelas teses do racismo científico e pelas virtudes do branqueamento até os anos 1930 e após de 1930, pela exaltação das virtudes da miscigenação e da democracia racial brasileira, que louvava a integração progressiva do negro numa sociedade [...] (MÉRIAN, 2008 p. 01)

Como já foi demarcado anteriormente, nosso objeto de estudo, para este artigo, é resaltar que o livro *Menino de Engenho*, escrito por José Lins do Rego, narra a representação do negro na cultura afro-brasileira. Por isto, a nossa análise busca um diálogo entre literatura e outras disciplinas como história e geografia, porque os elementos sociais que estão presentes no texto refletem as questões de ordem cultural, entre elas destacam-se os hábitos, costumes e práticas de uma época.

Quando falamos em dialogar com a literatura e outras disciplinas temos que entender que se faz necessário mergulhar em um período da história brasileira no qual existiam diversos conflitos existenciais no âmbito daquela sociedade patriarcalista. Porque a literatura é um meio de produção literária muito importante para que possamos falar de vários assuntos e também questioná-los por meio de uma reflexão ou um olhar crítico. Logo:

Pedro Dantas considera o estilo de Lins do Rego um dos mais característicos, dos mais saborosos que possuímos. O seu estilo é oral. E esse estilo oral “atrai e liga os episódios, delinea as personagens, dá unidade à obra e em certo sentido a compõe.” Essa oralidade chega ao plano poético e a uma interpretação lírica do mundo. A exposição dos estados subjetivos não é analítica, mas descritiva.

“Recitador de estilo oral, Lins do Rego narra- nos o que viu e o que sabe da vida do Nordeste,” salienta Pedro Dantas. É assim uma forma poética de conhecimento. E conclui Pedro Dantas: “Ela é humana, antes e acima de tudo, poderosa e cheia de sugestões, porque essencialmente e em todos os sentidos é viva.”

*Menino de engenho* é a geratriz de todo um grupo de romances, o “Ciclo da Cana- de- Açúcar.” Compõe- se de quarenta capítulos breves. Mas, ao contrário de *O Ateneu*, de Pompéia, como notou José Aderaldo Castello, o romance que José Lins escreve se impregna de ternura e intensidade humana. (VILLAÇA, 2001, p. 24)

Apesar de haver essa divergência, segundo SILVA o ciclo de sua obra está dividida em:



[...] ciclo de açúcar: *Menino de Engenho*, *Doidinho*, *Banguê*, *Fogo Morto e Usina*; ciclo do cangaço, misticismo e seca: *Pedra bonita e Cangaceiro*; obras independentes: a) com ligações nos dois ciclos: *Moleque Ricardo*, *Pureza e Riacho Doce*; desligado dos ciclos: *Água-mãe e Eurídice* (SILVA, 2002, p 20).

Então, ao analisarmos suas obras compreendemos que *Menino de Engenho* reflete o que outrora era o engenho de cana de açúcar, pois o processo de modernização que o Brasil passou na década de 1930 influenciou fortemente a vida dos engenhos por causa do processo de produção do açúcar mecanizada. E em decorrência da transformação no sistema econômico, fez com que houvesse um declínio social fazendo com que os antigos engenhos se transformassem em usinas. Conseqüentemente este fato, forma de padrão social que antes conhecíamos, desde o período colonial equivalente há três séculos cuja estrutura mantinha-se como patriarcalismo, fora alterada para um sistema cada vez mais restrito cuja elite dominante era regida pelo sistema capitalista.

Portanto, José Lins do Rego, ao falar de uma sociedade extremamente conservadora, também demonstra em sua narrativa o declínio de um sistema econômico que estava presente na sociedade brasileira desde os tempos coloniais. Isto nos faz compreender que existe um processo de transformação e esse muitas das vezes pode gerar uma grave crise desestruturando todos os segmentos sociais, econômica e também religiosa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de não ter feito uma produção literária voltada para a cultura afro-brasileira como um dos elementos que formam a identidade brasileira, no decorrer desta análise podemos observar que o escritor José Lins do Rego nos mostra a importância de tais componentes que estão inseridos no cotidiano da sociedade brasileira.

O romance *Menino de Engenho* narra a história de Carlinhos, um garoto da sociedade brasileira escravocrata, que fica órfão aos quatro anos e que por esse motivo é levado por um tio para morar com seu avô materno no Engenho Santa Rosa - PB.

É nesse cenário que a trama se desenrola, pois, a partir do momento em que a personagem principal entra em contato com a rotina do engenho, sua tristeza em ter

perdido à mãe dá lugar para a curiosidade e os costumes e tradições que Carlinhos encontra por lá, o encantam.

A obra em questão tem como pano de fundo o engenho, expõe um cenário pós-escravista ainda marcado pela servidão e a relação baseada em “respeito” entre escravizados e senhores. Além disso, a narrativa também faz menção á elementos da cultura popular nordestina.

É nesse ambiente, através de seus sentimentos memorialistas, que a história é narrada por Carlinhos. A partir de uma linguagem simples e direta utilizadas pelo autor na descrição das relações, da sexualidade das negras, das enchentes, secas e outros fatos; podemos notar a pureza e verossimilhança de um menino.

Entretanto, a linguagem espontânea da personagem principal não marca apenas as observações de um menino ingênuo, também mostra uma despreocupação do autor com os moldes estilísticos que renunciava o movimento modernista.

*Menino de Engenho* é uma obra que reúne elementos característicos importantes da sociedade brasileira pós-escravista. Mas é importante ressaltar que a lei 10.639/2003 não estabelece como obrigatória a leitura da obra de José Lins do Rego, voltada para temática afro-brasileira. Porém, acreditamos que é imprescindível para se estudar e ensinar sobre a história e a cultura da gente negra no Brasil pós-abolição.

Ainda assim, é possível inserir a obra aqui analisada como uma forma de produzir conhecimentos, no qual através de uma forma interdisciplinar o aluno, ou leitor em geral, possa refletir e questionar sobre a atividade de leitura realizada.

Dessa maneira, objetivamos por meio deste artigo estabelecer um diálogo entre o escritor, José Lins do Rego, e o leitor, na obra *Menino de Engenho*, em relação à temática afro-brasileira, como forma de compreendermos a importância dos elementos afro-brasileiros presentes na cultura brasileira.

## 7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cordeiro Ângela, MEDEIROS, Ribeiro Eduardo de. Revista *ágora*, Vitória, n. 5, 2007, 1- 12. **História e cultura afro-brasileira:** possibilidades e impossibilidades na aplicação da lei 10.639/2003 Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/1115791/cultura-afro-brasileira---angela-cordeiro-medeiros---pdf>. Acesso em: 17 out. 2017.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição Regionalista no Romance Brasileiro:** 1897- 1945. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Topbooks, 1999, p.328. Disponível

em: <https://tede.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/tede/212/1/FabioLuizdeArrudaHerrig.pdf>. Acesso em: 29 out. 2017.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50.ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, 2006. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.html). Acesso em: 29 out. 2017

CORDEIRO, Carla de Fátima. **O pensamento social e as relações raciais no Brasil da década de 30 na obra de José Lins do Rego**. 2009 Disponível em: <http://cdsa.academica.org/000-062/1231.pdf>. Acesso em: 17 out. 2017

CASCUDO, Luís da Câmara, 1984. **Literatura Oral no Brasil**. 3. Ed. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**, São Paulo: UNESP, 1997. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/88748/cordeiro\\_cf\\_me\\_mar.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/88748/cordeiro_cf_me_mar.pdf?sequence=1). Acesso em: 29 out. 2017

CHAGAS, Waldeci Ferreira e NASCIMENTO, Damião Cavalcante. **A Representação das Pessoas Negras em “Menino de Engenho.”** João Pessoa, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/view/13849/8817>. Acesso em: 13 nov. 2017

GENARO, Ednei e BRAGA, Cristiane Pires. **O olho da História**, n. 16, Salvador (BA), julho de 2011. Disponível em: <http://>. Acesso em: 11 out. 2017

MEDEIROS, Ângela Cordeiro e ALMEIDA, Eduardo Ribeiro de. **História e cultura afro-brasileira: possibilidades e impossibilidades na aplicação da lei 10.369\2003**. Vitória, Revista Agora, n.5, 2007, p.1-12. Disponível em: <http://>. Acesso em: 13 out. 2017

MEIRELES, Jonas da Silva, **A escrita Freyreana do cotidiano da casa-grande e da senzala**: 2014, 20 p. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3380/1/PDF%20-%20Jonas%20da%20Silva%20Meireles.pdf>. Acesso em: 11 out. 2017

MÉRIAN, JEAN-YVES MÉRIAN. **O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira: mito e literatura** 2008. Disponível em: [revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/3684/2834](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/3684/2834). Acesso em: 29 out. 2017

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. GAMA, Vanessa Oliveira Silva (Org.). **Língua, cultura e sociedade**: estudos sobre o léxico. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/tomo\\_1/067.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/067.pdf). Acesso em: 29 out. 2017

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**: romance / José Lins do Rego; nota de Carlos Drummond de Andrade; estudo de Antônio Carlos Villaça – 84º ed.- Rio de Janeiro: Editora Olympica, 2010.

Rego, José Lins do, 1901-1957. **Menino de engenho**. Nota de Carlos Drummond de Andrade; estudo de Antônio Carlos Villaça. — 80. ed. — Rio de Janeiro; José Olympio, 2001. Disponível em: [http://edmundomonte.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Menino-de-Engenho\\_Jos%C3%A9-Lins-do-Rego.pdf](http://edmundomonte.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Menino-de-Engenho_Jos%C3%A9-Lins-do-Rego.pdf) Acesso em: 11 out. 2017.

REGO, José Lins do. **Moleque Ricardo**: romance.- 19. Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993.

REGO, José Lins do. **Doidinho**: romance. – 35.ed. –Rio de Janeiro, José Olympio,1995.

REGO, José Lins do. **Banguê**: romance. 6º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

REGO, José Lins do. **Usina**: romance. 18º ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

REGO, José Lins do. **Fogo Morto**: romance. – 48º ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

SANTOS, Rosineide de Lima. **Interdisciplinaridade na obra Menino de Engenho de José Lins do Rego; O Literário Articulado ao Geográfico**. Guarabira, 2013.

Disponível <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/11484/1/PDF%20-%20Rosineide%20de%20Lima%20Santos.pdf>. Acesso em: 04/12/2017.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense,1987. Disponível <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/o-que-c3a9-cultura-jose-luiz-dos-santos.pdf>. Acesso em: 29 out. 2017

SILVA, Lidiane Araújo da. **A memória em Menino de Engenho e Fogo Morto, de José Lins do Rego**. João Pessoa, UFPB-CCHL, 2014. Disponível em: <<http://>. Acesso em: 11 out. 2017

SILVA, Edvânio Caetano da. **A dimensão espacial na narrativa de Pedra bonita**, de José Lins do Rego / Edvânio Caetano da Silva. Assis, 2016.

SILVA, André Gomes da. **O olhar sobre o negro em José Lins do Rêgo**: Esteriótipos, Trabalho e Sexualidade, no ciclo da cana de açúcar, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Documents/ESP%20PDF%20-%20Andr%C3%A9%20Gomes%20da%20Silva%20tcc%20fatima.pdf>. Acesso em: 17 out. 2017

MOTA, Demilson Correa, **Saber docente**: física e interdisciplinaridade no ensino superior. 2014. Disponível em: [www.ppg-educacao.uff.br/...Dissertacoes/2014%20Tese%20Demilson%20Correia%20](http://www.ppg-educacao.uff.br/...Dissertacoes/2014%20Tese%20Demilson%20Correia%20). Acesso em: 29 out. 2017

VILLAÇA, Antônio Carlos, 2001, 80. ed. Rio de Janeiro; José Olympio, 2001.